

Tudo passa pela dívida externa

A Cacex anunciou os resultados da balança comercial de abril com um superávit de Cz\$ 520 milhões, considerado pelo seu diretor, Namir Salek, um sinal de que "estamos saindo do fundo do poço". Precisamos encarar esse resultado com alguma reserva, não quanto à validade dos números mas à sua representatividade. Não sabemos, por exemplo, até onde esse superávit não representa o reflexo de exportações que deveriam ter sido feitas no mês de março, e não foram por causa das greves, inclusive dos portos.

Mais ainda: não há indícios mais seguros de que realmente estamos retomando a conquista de mercados externos, perdidos no período de euforia irresponsável e consumista do Plano Cruzado. Afinal, um mercado perdido, como o da carne, por exemplo, leva tempo para ser retomado. Mas, de qualquer forma, pode-se afirmar que parou, pelo menos, a sangria do passado e caminhamos para um certo equilíbrio que poderá ser o início de uma nova fase. Nas suas considerações a respeito desse resultado, o diretor da Cacex não se refere a um aspecto extre-

mamente importante do problema. Ele fala em aumento das exportações e menciona vários produtos, mas se esquece de que dificilmente poderemos chegar à meta de Cz\$ 1 bilhão a partir de julho ou agosto, e de Cz\$ 8 bilhões de superávit até o fim do ano (o que representa um grande esforço, mas ainda é um resultado insuficiente para os nossos compromissos externos) sem reativarmos o financiamento externo. Este é um grande problema que vem pesando consideravelmente sobre o aumento das vendas externas. Esses financiamentos somente serão retomados quando forem restabelecidos os créditos de curto prazo, hoje praticamente suspensos devido à moratória, que o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, sabiamente pretende suspender o mais rapidamente possível, se o PMDB deixar...

Para voltarmos aos níveis de exportação do passado, quando tivemos durante meses consecutivos superávits mensais de Cz\$ 1 bilhão, teremos de atender a três requisitos: a existência de disponibilidade de produtos para vender, o que começa a ocorrer com o desaquecimento do

mercado interno; a existência de uma taxa cambial realista que, em princípio, existe, dependendo do produto; e o restabelecimento das linhas de financiamento externo, que não temos.

Ainda ontem, o ex-ministro Mário Henrique Simonsen afirmou que a saída para a recessão é a volta ao mercado externo, que ativa a produção (gerando empregos), viabiliza as importações indispensáveis, e, ao mesmo tempo, reduz a pressão sobre as contas externas. Mas, para que possamos retornar ao mercado externo, é preciso, primeiro, restabelecer as linhas de crédito que, por sua vez, dependem da renegociação da dívida, a qual se inicia com a suspensão da moratória e o diálogo com os credores, a começar pelo FMI.

A conclusão, portanto, é que somente poderemos afastar a ameaça de uma recessão se resolvermos, urgentemente, o impasse da dívida externa, sem demagogias nacionalistas que servem para ganhar eleições — e ganharam — mas prejudicam profundamente o desempenho econômico e o País.